

AS CASAS ENXAIMEL E A CONSTRUÇÃO DE UM PATRIMÔNIO PLURAL EM JOINVILLE: MODOS DE MORAR E VIVER POR MEIO DAS ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS



THE ENXAIMEL HOUSES AND THE CONSTRUCTION OF PLURAL HERITAGE IN JOINVILLE: WAYS OF LIVING AND LIVING THROUGH ARCHITECTURAL STRUCTURES

NICOLE SANTANA⁷¹

DIONE DA ROCHA BANDEIRA⁷²

ROBERTA BARROS MEIRA⁷³

Resumo

Este artigo tem como proposta refletir sobre as casas enxaimel da Colônia Dona Francisca em meados do século XIX de modo a traçar uma discussão sobre a história e a narrativa patrimonial que as casas apresentam através de sua cultura material. A técnica do enxaimel trazida pelos imigrantes germânicos surgiu como uma solução para a construção das casas na colônia, mas tiveram que passar por novas adaptações em decorrência dos materiais disponíveis na região e pelas condições climáticas. À vista disso, é feita uma discussão sobre a cultura material e as casas como espaços físicos e sociais que carregam significados e valores simbólicos e como cenários que influenciam nosso comportamento.

Palavras-chave: Enxaimel; Colônia Dona Francisca; cultura material; patrimônio arquitetônico.

Abstract

This article aims to reflect on the half-northhoney houses of the Dona Francisca Colony in the mid-nineteenth century in order to trace a discussion about the history and patrimonial narrative that the houses present through their material culture. The technique of the rinse brought by the Germanic immigrants emerged as a solution for the construction of the houses in the colony, but had to undergo new adaptations due to the materials available in the region and the climatic conditions. In view of this, a discussion is made about material culture and houses as physical and social spaces that carry symbolic meanings and values and as scenarios that influence our behavior.

Keywords: Timber; Colony Dona Francisca; material culture; architectural heritage.

⁷¹ Graduanda de História na Universidade da Região de Joinville - Univille. E-mail: nicolexsantana@gmail.com.

⁷² Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do Programa de Pós-graduação interdisciplinar em Patrimônio Cultural e Sociedade da UNIVILLE linha Patrimônio, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Coordenadora do Laboratório de Arqueologia e Patrimônio Arqueológico/LAPArq da Univille. E-mail: dione.rbandeira@gmail.com.

⁷³ Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Docente do curso de História e do Programa em Patrimônio Cultural e Sociedade e do Departamento de História da Universidade da Região de Joinville – Univille. E-mail: rbmeira@gmail.com.



Introdução

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar os resultados de uma pesquisa com casas enxaimel, construídas pelos imigrantes germânicos no século XIX, na Colônia Dona Francisca, atual município de Joinville, situada no nordeste do estado de Santa Catarina. Propõe-se uma discussão sobre suas funções e o cotidiano dos moradores. A princípio, a construção das casas dos imigrantes germânicos – como choupanas e ranchos toscos – resultou da necessidade em arranjar moradias provisórias em meio à uma região desconhecida e com condições precárias de sobrevivência. A partir do momento em que o colono alcançou maior estabilidade, foram construídas as casas com a técnica do enxaimel. Essa técnica trazida pelo colono germânico e empregada nas terras da Dona Francisca passou por adaptações de acordo com os materiais disponíveis na região e as condições climáticas, tornando-se abrigo de muitos colonos.

A metodologia utilizada se baseia em uma pesquisa bibliográfica que abrangeu artigos e dissertações e uma pesquisa documental, na qual foram explorados materiais publicados em livros produzidos por cronistas e viajantes e jornais da segunda metade do século XIX, buscando trazer uma discussão acerca das casas enxaimel através de um recorte temporal de 1851 até o final do século XIX.

Nesse sentido, este artigo se encontra dividido em três seções: na primeira são discutidas questões relacionadas às estruturas arquitetônicas, partindo da premissa que as casas construídas com a técnica do enxaimel são parte da cultura material do município de Joinville, tendo em vista que essas construções são passíveis de serem lidas e interpretadas, pois refletem interesses e aspectos históricos e culturais. A segunda seção apresenta um panorama histórico em relação à chegada dos imigrantes de diversas origens na Colônia Dona Francisca em meados do século XIX, examinando as dificuldades encontradas para se estabelecerem na região, dando destaque aos colonos germânicos que trouxeram do seu país de origem a técnica do enxaimel, utilizando como base o livro História de Joinville de Carlos Ficker (1965) para referenciar os aspectos históricos da cidade. Na terceira seção, põe-se em análise a construção das casas enxaimel, as adaptações feitas de acordo com as condições locais e a sua relação com os moradores.

Assim, esta pesquisa pretendeu analisar a chegada das técnicas construtivas enxaimel em Joinville, acompanhando as trocas de saberes com a cultura brasileira e as



adaptações realizadas pelo uso de novos materiais e diferenças climáticas. Busca-se, assim, nesse texto, levantar a hipótese de um patrimônio cultural plural não restrito à cultura germânica, mas que consistiu em um movimento contínuo de trocas que resultaram em técnicas construtivas e modos de morar e viver específicos de algumas regiões brasileiras.

As casas como cultura material

No que tange à cultura material, esse conceito pode ser encontrado em inúmeras obras de autores e épocas diferentes, portanto, suas definições podem conter ambiguidades e contrassensos. Bucaille e Pesez (1989) definem a cultura material como um termo que se relaciona com a coletividade, os fenômenos infraestruturais e os objetos concretos. No entanto, seus sentidos vão além de seus aspectos funcionais, pois coincidem com suas produções, usos, descartes, reaproveitamentos, logo, todo o processo social em torno de sua materialidade. Em outras palavras, conforme colocado por Macsuelber Cunha (2017),

A produção material de um povo, seja seus objetos cotidianos, artefatos, arquitetura, pintura, escultura, ou outros, diz muito sobre a sociedade que os produziu, pois carrega consigo muito da cultura deste povo e, através dessa Cultura Material, podemos perceber as relações entre seus integrantes, as relações de poder, bem como os diversos aspectos do social, como: economia, religião, educação, artes, relação de gêneros, entre outros (CUNHA, 2017, p. 61).

Zarankin (1999) considera que os objetos produzidos e utilizados pelo homem desempenham papéis ativos, dinâmicos e são portadores e geradores de significados, e que somente dentro de um sistema cultural os objetos materiais irão adquirir uma dimensão ideológica. Ainda segundo o autor, muitos consideram a Arquitetura como uma arte, uma ciência ou a junção de ambas. Para ele, no entanto, ela pode ser considerada como uma fonte de informação e um tipo de linguagem que pode ser lida e, através disso, realizar análises de seus processos e significações ao longo de sua história.

Nessa perspectiva, as casas enxaimel podem ser consideradas como parte da cultura material do município de Joinville, tendo em vista que são construções humanas e carregam valor simbólico, que o ser humano molda o espaço em que habita e “a humanidade é inseparável da materialidade” (LUI, 2012, p. 7). Do mesmo modo, na relação entre as casas e os indivíduos, atribuem-se influências mútuas, pois da mesma





forma que transformamos uma estrutura, também sofreremos interferências vindas delas (BOLDORINI e MEIRA, 2018).

De acordo com Daniel Miller (2013), os objetos são como um cenário que nos conscientiza do que é apropriado e inapropriado, e funcionam de tal modo que não tomamos consciência de que eles estão ali. Nesse sentido, eles atuam de modo mais efetivo quando não olhamos para eles, visto que eles determinam o que ocorre e como nos comportamos ao passo que isso foge da nossa percepção. Desse modo, como colocado pelo autor, os objetos fazem as pessoas. Em outras palavras, a cultura material faz de nós a pessoa que somos, aprendemos e nos comportamos com ela e através dela, e acima de tudo, a cultura vem dos objetos.

Erving Goffman (1972) formulou o pensamento de que o lugar onde estamos inseridos, isto é, os cenários que compõem o nosso redor, ditam o nosso comportamento e nossas experiências. Ou seja, grande parte dos nossos comportamentos se dão pelos quadros ou cenários que constituem o contexto da ação as quais estamos inseridos. Partindo desse pressuposto, as casas podem ser designadas como espaço físico e social no qual sofreremos interferências, de modo que não devemos encarar as coisas materiais que as compõem de forma isolada. Longe disso, as coisas por si só são inexpressivas, sendo assim, elas se relacionam com os objetos ao seu redor, criando um ambiente que nos incita a agir de determinado modo, podendo causar um efeito de conforto, familiaridade e pertencimento àquele local (MILLER, 2013).

As casas configuram um espaço coletivo de pessoas que constituem a mesma substância – a mesma carne, o mesmo sangue e por conseguinte, as mesmas tendências (DAMATTA, 1986). Do mesmo modo, é um espaço que exala segurança, familiaridade e onde passamos nossas horas de lazer, portanto, existe a necessidade por parte dos moradores de proteger e defender seus bens móveis e imóveis, bem como os membros da casa. Vale lembrar que a função básica das casas é a de abrigar, servindo como proteção contra manifestações climáticas e outras questões relativas à moradia. Contudo, nos abrigamos cotidianamente sem sequer refletir sobre essas questões, simplesmente moramos (LEMOS, 1989). Além disso, cada casa constitui um espaço exclusivo e singular, pois são lugares que carregam um pouco de nós mesmos.

Sob uma perspectiva arquitetônica, Morris e Ruskin (1994) afirmam que os elementos arquitetônicos podem ser encarados como objetos técnico-funcionais ou como objetos de arte. Levando em consideração essa percepção, as casas enxaimel da colônia Dona Francisca passaram por adaptações que mudaram ou adicionaram novas



funções para as casas. Nesse sentido, os aspectos funcionais das casas enxaimel responderam às necessidades dos imigrantes naquele período. Por outro lado, em princípio, a técnica do enxaimel não foi utilizada para construir a casa dos colonos pela sua estética, mas ao longo dos anos esse aspecto passou a se tornar relevante na sua construção, tal como o manchado dos tijolos que davam um charme para as casas, os entalhes constituídos por formas geométricas feitas nas madeiras das varandas, os tijolos trabalhados em formas e disposições bem elaboradas e decorativas e o prestígio que o enxaimel recebeu pelo seu valor estético, visto que muitas construções em enxaimel atualmente fazem parte de atrações turísticas.

A chegada dos imigrantes na Colônia Dona Francisca

Responsável pela fundação e colonização da Colônia Dona Francisca, a "Hamburger Kolonisations Verein von 1849" (Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849), fundada pelo Senador Christian Mathias Schröder, foi a empresa estrangeira e privada encarregada de colonizar as terras pertencentes ao dote de casamento do Príncipe de Joinville, François Ferdinand Phillipe, filho do rei Louis Phillipe da França, e da princesa Francisca Carolina, filha do imperador D. Pedro I. O objetivo era fundar uma colônia agrícola que incentivasse os imigrantes europeus que estavam migrando para América a virem para o Brasil com a garantia de que encontrariam grandes oportunidades, solos para plantar e que não haveria concorrência pelas terras (SCHLINDWEIN, 2011).

Junto a isso, soma-se o fato de que a grande maioria dos imigrantes vindos da Alemanha se encontravam em situações difíceis ao saírem de seu país, devido a tensões e lutas políticas, altos impostos, o crescimento excessivo da população, desproporcional ao desenvolvimento dos meios de produção, e a concentração de terra nas mãos de poucos proprietários. Em meados do século XIX, na Alemanha, o processo de industrialização que avançava sobre os meios rurais e urbanos desencadeou uma crise para os artesãos e pequenos produtores agrícolas, na qual a emigração surgiu como uma alternativa para aqueles que viviam na miséria ou para aqueles que ainda possuíam uma pequena condição financeira, mas que desejavam sair do país devido à crise que se agravava (NASS, 2010). Nesse sentido, o governo alemão estimulava a emigração desses indivíduos considerados como indesejáveis para o próprio país (FERREIRA, 2019).



Entre as décadas de 1850 e 1880, cerca de 22 milhões de pessoas imigraram da Europa para diferentes partes do mundo, sendo a Alemanha o país que mais perdeu pessoas para a imigração, principalmente para os Estados Unidos. Na Colônia Dona Francisca, foram recebidos 17.408 imigrantes germânicos entre 1850 e 1888 através da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, que era responsável por incentivar os imigrantes a irem para o Brasil (FERREIRA, 2019).

Incentivos e propagandas para a vinda dos imigrantes

Servindo como incentivo para que esses imigrantes escolhessem o Brasil como seu destino e, destacando aqui a Colônia Dona Francisca como um dos núcleos de imigração que existiam na região Sul, os membros da Sociedade Colonizadora de Hamburgo espalhavam através de cartas e folhetos diversas propagandas e relatos com o objetivo de atrair os imigrantes para a colônia. Um dos relatos feitos por R. J. Miltenberg, que nunca sequer pisou nas terras catarinenses, descreve a Colônia Dona Francisca como um empreendimento cuidadosamente preparado e organizado (MILTENBERG, 1852 apud FERREIRA, 2019). Muitos imigrantes se decepcionavam com a primeira impressão que obtinham da colônia, pois não correspondia com aquilo que demonstravam as ilustrações publicadas no jornal “*Illustrierte Zeitung*” da Alemanha, que apresentava belas casas ajardinadas com plantas exóticas e um local de desembarque construído em forma de trapiche (FICKER, 1965). A barca Colon, alugada pela Sociedade Colonizadora para transportar a primeira leva de imigrantes, não passava de um veleiro que pesava 200 toneladas de carga com acomodações improvisadas entre caixotes, baús e mobílias (FICKER, 1965). Ainda, Carlos Ficker expõe que

Atraídos pela propaganda romântica e cheios de ilusões, sentiram-se decepcionados e ludibriados, quando olhavam a clareira de 200 x 1000 metros na selva virgem, um vasto lodaçal, uma quantidade interminável de tocos das árvores abatidas, que, em parte, ainda jaziam no local, alguns ranchos cobertos de sapé [...] (FICKER, 1965, p. 81).

Uma outra estratégia utilizada para atrair os imigrantes, bastante presente no projeto imigratório, teve como base o enaltecimento das belezas naturais do Brasil e uma forte propaganda sobre sua vocação agrícola. Características como o clima ameno e salubre, a pureza das águas, a fertilidade das terras, e de modo geral uma natureza



descrita como exuberante e inesgotável eram exaltadas de modo a atrair a mão de obra europeia, tão desejada para o país naquele período (MEIRA, 2014).

Também eram utilizados como incentivo para a vinda dos imigrantes o oferecimento de adiantamentos e créditos para que os colonos pudessem adquirir um lote de terra na colônia, portanto, muitos colonos dependiam do trabalho oferecido pela Sociedade Colonizadora para sustentar a família. De outro modo, surgiram no século XIX um conjunto de leis que incentivava e facilitava a imigração para o Brasil, tal como: a extensão do direito de propriedade a estrangeiros, facilidades para a naturalização, a dispensa de impostos e prestação de serviço militar, a concessão de auxílios em dinheiro, ferramentas entre outros (INOCÊNCIO, 1981). Além do mais, como prometido pelo Senador Schroeder, seriam fornecidos aos colonos nos primeiros dois anos alojamentos e objetos de primeira necessidade, como ferramentas, sementes e alimentos, além de garantir a construção de igrejas, hospitais e escolas (FICKER, 1965).

Com a independência do Brasil em 1822, surgia a necessidade do país em ser reconhecido pelas demais nações estrangeiras. A Inglaterra, visando expandir seu mercado consumidor, proibiu em 1807 o comércio de escravos na medida em que a escravidão era um obstáculo para essa consolidação. Nesse sentido, a Inglaterra se recusava a reconhecer a independência do Brasil até que o comércio de escravos fosse extinto. Após muita pressão do governo inglês sobre o Brasil, foi estabelecida em 1850 a abolição do sistema de tráfico negreiro, conhecida como Lei Eusébio de Queirós (COSTA, 2012).

Sendo assim, por trás da decretação dessas leis que facilitavam a imigração para o Brasil, havia um interesse do governo brasileiro em substituir a mão de obra escrava pelo trabalho livre, visto que, no século XIX, de 3.500.000 brasileiros que viviam no país, 1.500.000 eram escravos (PSCHEIDT, 2020). Naquele período, pela perspectiva de grande parte da elite política e intelectual do Brasil, a imigração dos europeus era tratada como um meio de civilizar, tornando-se um objetivo para o Estado brasileiro (FERREIRA, 2019). Assim, o “branqueamento da raça⁷⁴” se tornou presente na política de imigração do governo brasileiro durante o período imperial (PSCHEIDT, 2020).

⁷⁴ Devido a gradativa extinção do trabalho escravo na segunda metade do século XIX, a sociedade brasileira composta por negros e mestiços era vista como um “problema nacional” e como um atraso para a economia do país. As autoridades brasileiras buscaram incentivar a entrada de imigrantes europeus no território brasileiro pois consideravam aqueles sujeitos como mais qualificados para o regime de trabalho e viam neles a solução para o desenvolvimento econômico do país. FULGÊNCIO, Rafael Figueiredo. O paradigma racista da política de imigração brasileira e os debates sobre a ‘Questão Chinesa’ nos primeiros anos da República. *Revista de Informação Legislativa*, v. 51, n. 202, p. 203–221, 2014.



Logo, haviam dois interesses fundamentais na política de imigração: 1, a estratégia social de branqueamento da população, visto que os trabalhadores brancos eram considerados mais “qualificados” e a população composta por negros e mestiços era vista como um atraso ao desenvolvimento do país (FERREIRA, 2019); e 2. o preenchimento de vazios populacionais do território brasileiro com o objetivo de expandir a fronteira agrícola e o assentamento de trabalhadores livres, que naquela época era visto como um meio para solucionar o problema econômico e prosperar o país (PSCHEIDT, 2020).

Em 1851, chegaram os primeiros imigrantes na Colônia Dona Francisca. Naquele ano, entraram no total 394 indivíduos provenientes da Alemanha, Suíça e Noruega de diversas categorias sociais e profissionais distintas. Entre eles, encontravam-se médicos, carpinteiros, arquitetos, estudantes de Direito, jardineiros, lavradores e trabalhadores rurais. Muitos provinham de classes sociais arruinadas, onde haviam sido pequenos lavradores e proprietários rurais (FICKER, 1970). A primeira leva de imigrantes trouxe 118 colonos que aportaram pela barca Colon nas terras catarinenses no dia 9 de março. Contudo, inúmeras críticas foram feitas quanto à localização escolhida pelo engenheiro Gunther para estabelecer a colônia, na medida em que a escolha trouxe complicações visto que para chegar até a terra firme, seria necessário andar meia canela dentro da água e lama por ser um local baixo, insalubre e que não passava de um lodaçal (RODOWICZ, 1859).

A Sociedade Colonizadora de Hamburgo, como parte do acordo assinado com o casal de príncipes que negociou seu dote de terras com a empresa alemã, e sob responsabilidade do diretor da Colônia, o engenheiro Hermann Gunther, prometia receber os primeiros imigrantes fornecendo condições para sua sobrevivência como empregos e abrigos provisórios (FERREIRA, 2019). No total vieram onze passageiros, entre eles: Hermann Gunther, Léonce Aubé (representante do Príncipe de Joinville), o cozinheiro de Aubé, Louis Duvoisin, o cronista Theodor Rodowicz-Oswiecimsky e Julie Engell, companheira de Hermann Gunther. Além disso, vieram duas famílias de seis indivíduos contratados para fazer parte da expedição pioneira e formar o primeiro núcleo colonial, que dariam início à derrubada de matas virgens, abririam espaço para as primeiras plantações e construiriam ranchos e casas de alojamento para recepção dos imigrantes europeus. Contudo, as famílias foram posteriormente despedidas ou abandonaram a colônia, ao passo que o engenheiro Gunther foi despedido devido à carência de plantações e a escassez de acomodações na colônia (FICKER, 1965).



Entretanto, muitos desses colonos que vieram para a Colônia Dona Francisca motivados pelas propagandas sobre a terra de oportunidades que encontrariam no Novo Mundo, com solos para cultivar e com a promessa de que estariam livres de concorrência, se decepcionaram ao se depararem com a realidade que os esperava. Com uma paisagem inóspita, o imigrante suíço Sebastian Weber relata em uma carta que na colônia havia “uma planície enorme, toda coberta de densa mata virgem, uma pequena clareira com algumas choupanas, feitas de barro e cobertas com folhas de bananeiras. E era só” (WEBER, 1851). Além disso, muitos lotes ainda não estavam demarcados. A jornalista Julie Engell-Gunther, em sua breve passagem pela Colônia Dona Francisca, conta que os primeiros moradores encontraram dificuldades para se estabelecer no local devido à mata e a floresta densa, visto que os colonos não traziam consigo ferramentas como machados ou serras para cortar as árvores (GUNTHER, 1851 apud SCHLINDWEIN, 2011). Com a chegada da segunda leva de imigrantes na colônia, essas dificuldades se agravaram nos aspectos relacionados à alimentação, acomodação e distribuição de lotes de terras (FICKER, 1965). Portanto, esses primeiros anos foram árduos para as famílias dos colonos, que tiveram que lidar com uma extensa área florestal, ranchos improvisados, calor, demora na demarcação de lotes e sofreram com doenças e a eclosão de epidemias (VIEIRA FILHO; WEISSHEIMER, 2011).

Cabe aqui destacar que, quando os primeiros imigrantes chegaram no território catarinense, a colônia não estava totalmente inabitada. Pelo contrário: as terras da Colônia Dona Francisca estavam amplamente povoadas pelas populações indígenas e luso-brasileiras, que com o decorrer da colonização, passaram a ser empurrados para o interior do território, passando a habitar as serras e florestas da região (GUEDES, 1997). Os imigrantes alemães passaram a utilizar a terminologia local, chamando os indígenas de bugres (VIEIRA FILHO; WEISSHEIMER, 2011). A solução estabelecida pelas autoridades oficiais e locais foi o financiamento das tropas de bugreiros, encarregados de entrar na mata com facões e espingardas para perseguir e executar os indígenas que encontravam pela frente.

Com a chegada e o estabelecimento dos imigrantes na Colônia Dona Francisca, os colonos passaram a lutar pela sobrevivência de modo a se adequar às leis do local em que estavam. Portanto, os colonos encontravam-se dependentes dos recursos locais para dar início à uma nova vida naquela paisagem repleta de árvores (FICKER, 1970). Apesar da decepção desses imigrantes com a primeira impressão que tiveram da colônia, a floresta que se estendia pela região fornecia a madeira, que foi útil para



diversas necessidades dos colonos como na construção de moradias, na confecção de instrumentos de trabalho e na fabricação de lenha (VIEIRA FILHO; WEISSHEIMER, 2011). Avé Lallemant, médico e explorador que relatou em uma de suas obras a sua passagem pela Dona Francisca em 1858, comenta que:

Muitos iniciaram suas atividades sem meios ou com meios muito limitados. Compravam um pedaço de terra, faziam a derrubada para a roça, queimavam o mato abatido e plantavam depois o terreno com as próprias mãos, até que o trabalho lhes produzisse frutos. (AVÉ-LALLEMANT, 1858, p. 184).

Nesse sentido, a subsistência dos imigrantes e a construção das moradias estava submetida de acordo com os materiais disponíveis na região. Com relação às habitações, em um primeiro momento, a construção de uma casa definitiva não foi possível, de modo que as primeiras habitações dos colonos eram abrigos de caráter provisório (INOCÊNCIO, 1981), como choupanas, ranchos e casas cobertas de materiais encontrados nas florestas, como sapé, troncos, folhas de palmeiras e cipó. Essas primeiras habitações eram galpões com instalações plurifamiliares, que tiveram uma grande importância na organização da comunidade. Em seguida surgiram as habitações unifamiliares, que incluíam

[...] desde toscos abrigos que mal protegiam contra os ventos e as chuvas até pequenos ranchos que usualmente tinham sua estrutura de troncos de palmeiras cobertas de palha ou folhas de palmeiras e vedações feitas de material leve (barro ou capim). O mobiliário era tosco, formado de pedaços de troncos, caixões vazios e baús, e a iluminação de azeite de baleia (INOCÊNCIO, 1981, p. 6).

O enxaimel e as casas na colônia

Como observado por Avé-Lallemant, a casa rudimentar do colono nasce quase que em sua totalidade na floresta. Com a abundância de áreas florestais que havia na região, o desflorestamento passou a se estender pela colônia, e conseqüentemente, era feito um aproveitamento das árvores da região. Os cipós eram utilizados para amarrar as canoas dos pescadores, para prender os cavalos e construir a casa do colono. Com os troncos da palmeira se construía as paredes das casas, e com suas folhas eram feitos os telhados, também com o auxílio do cipó (AVÉ-LALLEMANT, 1858). Ainda, o contato estabelecido entre o colono e a população luso-brasileira que vivia na região introduziu aos imigrantes novos conhecimentos que foram aproveitados, por exemplo, na construção das primeiras moradias. Portanto, a casa construída pelo colono e pelo luso-brasileiro possuía semelhanças, tendo em vista que os materiais construtivos eram retirados da mata virgem (FICKER, 1970).



As principais técnicas construtivas a serem utilizadas durante a emigração para o Brasil no século XIX foram a do Blocausse (*block+haus*) e o Enxaimel (*fachwerk*) (WEIMER, 2005). A construção das casas enxaimel remonta ao período medieval, situado em regiões da Europa Central, e conforme Weimer (2005), pode ser compreendida como um modo/técnica de construção aprimorado desde os tempos pré-históricos constituída por “paredes de pau-a-pique, com vedação de taipa e recobertas de palha” (PSCHEIDT, 2020, p. 35). É possível pressupor que o enxaimel seja descrito como uma técnica aprimorada uma vez que não são exatos os registros históricos a respeito de sua origem, e seu modo de construção varia conforme as condições do local, os recursos que a região oferece e o conhecimento da técnica daquele de quem a constrói.

Contudo, sabe-se que essas tipologias construtivas eram comuns nas vilas medievais desde o período da Idade Média até, aproximadamente, à Revolução Industrial (VEIGA, 2013), sendo a edificação enxaimel mais antiga da Alemanha datada do século XIV (WEIMER 2005 apud VEIGA, 2013). Essas construções eram presentes na Áustria, França, Suíça, Itália e Eslovênia e em especial na Alemanha, onde essa técnica foi disseminada de maneira mais notável. Vale ressaltar que o método construtivo enxaimel não é exclusivo das moradias, mas também era utilizado para diferentes funções na colônia, como casas de comércio, escolas, hotéis, salões de baile e até mesmo igrejas (ODEBRECHT, 1982).

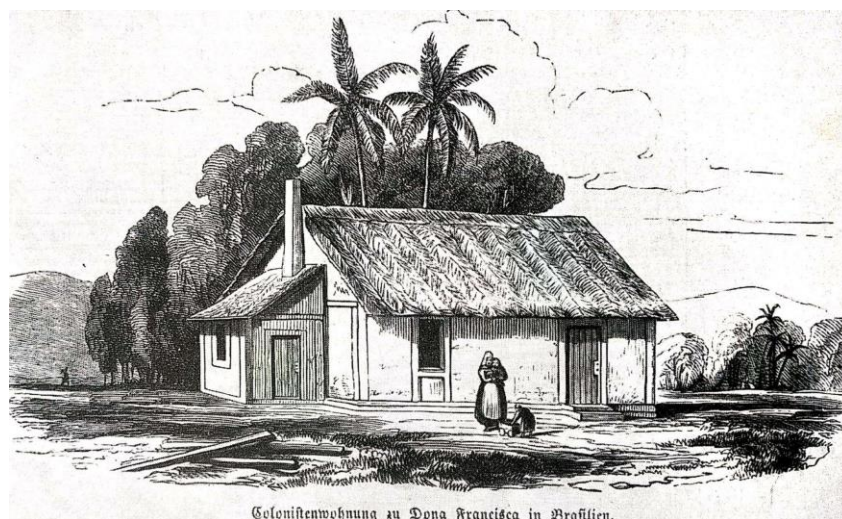
A técnica do enxaimel tem sido empregada há milênios. No entanto, como a madeira era o principal material utilizado pelos carpinteiros na construção das casas durante o século XIX na Europa – até mesmo os pregos utilizados para fixar as treliças eram feitos de madeira –, isso acabou resultando na escassez desse material. A técnica de construção do blocausse, a título de exemplo, era amplamente utilizada na arquitetura alemã dos séculos XV a XVIII, sendo essa técnica caracterizada pela sobreposição de troncos de madeira encaixados nas extremidades (WEIMER, 2005). Esse modo de construção foi o primeiro a ser utilizado, mas também o primeiro a ser abandonado, visto que consumia muita madeira (GISLON, 2013), mas também não desapareceu completamente. Contudo, na Colônia Dona Francisca, em decorrência da extensa área florestal, o que não faltava no local eram árvores grandes que possuíam uma madeira extremamente dura e firme (GUNTHER, 1851 apud SCHLINDWEIN, 2011). Conta Avé Lallemand (1858) no livro que relata sua passagem pela Dona



Francisca que, no ano de 1850, foi derrubada a primeira árvore na colônia para abrir espaço para uma casa de recepção para os esperados colonos.

Com a abundância de árvores que havia na região, logo o desflorestamento foi uma prática que se estendeu pela colônia. Em vista disso, uma grande porção das árvores abatidas eram aproveitadas para construir os abrigos provisórios dos colonos, e como não havia pregos a serem utilizados, tudo era amarrado com o auxílio do cipó (AVÉ-LALLEMANT, 1858). As construções de moradias com caráter provisório, dessa forma, eram feitas a partir de recursos disponíveis nas proximidades da região, como a madeira, o cipó, as folhas de palmeira, sapé, entre outros.

Figura 1 - Primeiras casas na Colônia Dona Francisca, 1850.



Fonte: FICKER, Carlos. História de Joinville, 1965.

Essas casas tinham, sobretudo, a função de abrigar os colonos que naquele momento desejavam ter um lugar para viver. A prática de construir com materiais encontrados no local onde a estrutura está inserida é denominada arquitetura vernacular, sendo resultado de expressões culturais e técnicas tradicionais que não pretendem atingir objetivos estéticos, mas atender às necessidades do dia a dia. Essa técnica, portanto, é influenciada por aspectos culturais e pelas condições geográficas, o que confere a cada uma delas características distintas dependendo da região onde está localizada.

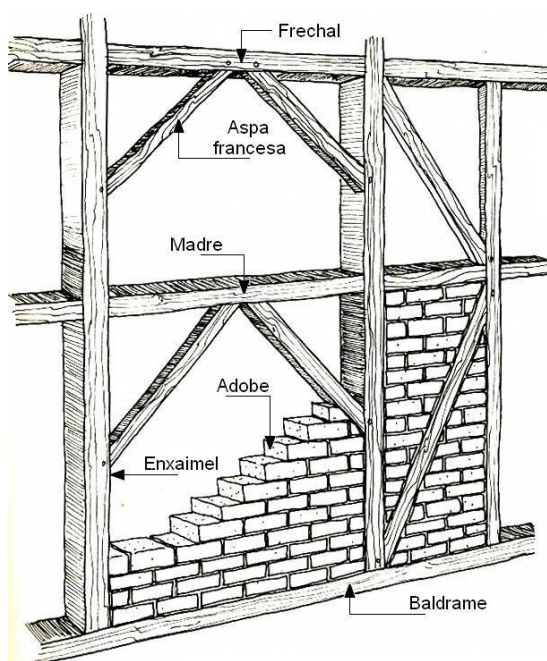
A partir de 1851, iniciam as primeiras construções de moradias que apresentam características do enxaimel na colônia. Essa técnica, portanto, foi o método de construção que predominou nos períodos de maior fluxo de imigração nas colônias





alemãs durante o século XIX, dando início à construção das casas de caráter definitivo, com materiais sólidos que forneciam maior durabilidade. Quanto à técnica do enxaimel, primeiro era construído o esqueleto/estrutura da casa. O enxaimel tem sua estrutura composta pelo esteio (peça de madeira, metal, ferro etc.) também chamada de enxaimel. O frechal, madre e baldrame também compõem a estrutura, com as peças nas diagonais denominadas cruz de Santo André ou aspas francesas. Era comum que houvesse uma enumeração em cada uma das peças com algarismos romanos para auxiliar na sequência de montagem da estrutura. Os vãos são preenchidos por pedras, adobe, tijolos ou taipa-de-mão/pau-a-pique (terra argilosa misturada com palha ou outros tipos de fibras vegetais), tradicionalmente aplicada à mão.

Figura 2 - Muro de enxaimel.



Fonte: BARDOU, P. *Arquitecturas de adobe*. 1981.

As pedras, no entanto, eram de difícil obtenção, visto que o granito local só era extraído com explosivos. A dificuldade de transporte pela ausência das estradas também impedia a obtenção desse material (JOINVILLE, 2010/2011). No que diz respeito às características arquitetônicas do enxaimel na colônia, o telhado era inclinado, as janelas eram de vidraças, o piso era elevado, e o chão, com assoalho de madeira (FICKER, 1970). Além disso, era comum que as casas enxaimel mantivessem os tijolos como preenchimento à vista, sendo provável que esse aspecto esteja mais relacionado à uma questão de estética, e não econômica (VEIGA, 2013). Esse modo de construção era





comumente transportado pelos imigrantes germânicos para diversos países onde foram fundadas colônias alemãs, de modo que em cada região as casas eram construídas com características próprias e respondendo às condições locais. Uma das primeiras construções no estilo enxaimel que se tem relato na Colônia Dona Francisca foi levantada no ano de 1851, apresentando piso elevado, paredes cobertas com material que protegia contra a umidade e os vãos preenchidos por tijolos, destinada à nova “Casa de Direção” da colônia (FICKER, 1965).

Os elementos físicos que caracterizam uma estrutura arquitetônica, tais como sua localização, época de construção, técnicas e materiais construtivos utilizados, representam um legado daqueles que a construíram (ELALI, 2013). No caso do enxaimel, muitas moradias que seguem essa técnica configuram-se como patrimônio cultural, pois são compreendidas como bens culturais da cidade de Joinville. As construções arquitetônicas, portanto, são representações humanas, possuem uma funcionalidade e manifestam aspectos históricos e culturais. Tendo isso em vista, a arquitetura e as adaptações das casas enxaimel fornecem informações importantes quanto à trajetória dos imigrantes germânicos na luta pela sobrevivência na Colônia Dona Francisca. Os tipos de materiais utilizados para fabricar as casas indicam quais recursos eram disponíveis na época para a sua construção, a implementação de novos cômodos nessas construções evidencia as adaptações necessárias a serem feitas em razão de problemas climáticos ou para outras necessidades e usos decorrentes do momento. Nesse sentido, as casas enxaimel construídas na Colônia Dona Francisca ganharam novas funções que se adequavam com as necessidades dos imigrantes e com as condições locais.

Aspectos funcionais e alterações do enxaimel

No que diz respeito aos aspectos funcionais e às mudanças feitas no enxaimel da Colônia Dona Francisca, as modificações realizadas durante sua construção não se deram por um desejo de mudança por parte dos construtores, mas eram necessárias para sua adaptação em decorrência das diferenças do contexto social e geográfico e as condições climáticas (VEIGA, 2013), e que acabaram por se tornar adaptações características das casas enxaimel de Joinville. Relativo a essas adaptações, destacam-se as varandas que, diferente das casas enxaimel construídas na Europa que não possuíam essa estrutura, na Colônia Dona Francisca as moradias foram adaptadas com varandas



na parte da frente da casa para proteção contra o calor e chuva. Do mesmo modo, o telhado inclinado era típico nas casas enxaimel da Europa para evitar o acúmulo da neve, sendo mantido nas construções das colônias alemãs para o aproveitamento do sótão como armazém de produtos agrícolas ou como dormitório. Outra característica das casas enxaimel é o distanciamento do solo para evitar que a madeira apodrecesse em decorrência da umidade. As casas eram apoiadas em uma base com pedras ou tijolos (O Município, 2019). Por vezes, a cozinha permanecia separada do resto da casa para evitar que eventuais incêndios não se alastrassem por toda a casa. Algumas habitações também possuem a presença de benfeitorias localizadas nos fundos das casas, como estrebarias, fornos para cozer pão e oficinas (INOCÊNCIO, 1981). O processo de construção das casas ocorria de forma comunitária, onde todos participavam do procedimento: vizinhos, amigos e família (WEIMER, 2005 apud SPOHR, 2015).

A construção de moradias em enxaimel na Colônia Dona Francisca, em meados do século XIX, refletem uma solução ideal dos imigrantes germânicos no que se refere ao problema das moradias na colônia, uma vez que dificuldades como umidade excessiva, lamaçal, chuvas e ataques de animais selvagens e insetos eram recorrentes na região. Desse modo, a partir do momento em que o colono se encontra em uma situação de maior estabilidade, o enxaimel passa a ser uma alternativa mais viável e decente que as construções de ranchos e choupanas, que eram inadequadas por conta das condições climáticas.

Além disso, o enxaimel oferecia maior segurança para as famílias visto que as casas construídas somente com madeiras ou cobertas de palhas eram mais propensas a incêndios ou estragos causados por chuvas. Logo, devido às circunstâncias locais em que os colonos se encontravam, o enxaimel se apresentava como uma solução devido ao seu baixo custo, visto que o material primordial de sua construção, a madeira, se encontrava em abundância pela região, sendo também uma construção que não levava muito tempo para ser finalizada (JOINVILLE, 2010/2011). Nesse sentido, os imigrantes da Colônia Dona Francisca encontraram condições propícias para reviver essa técnica de construção.

Figura 3 - Igreja Catholica da rua da Telheira, 1866



Fonte: NIEMEYER, Louis. Vistas fotográficas da Colônia Dona Francisca, 1866.

Outras razões para que o enxaimel tenha sido escolhido como técnica construtiva das casas definitivas dos colonos germânicos poderiam estar relacionadas ao fato de que os imigrantes tinham o desejo de trazer algo que os lembrasse da sua terra de origem, sendo esse motivo relacionado à questão da identidade e memória desses imigrantes. Por outro lado, pode ser também que a escolha do enxaimel tenha sido dada pela sua praticidade, tendo em vista que essa técnica de construção era algo que os colonos conheciam bem e sabiam de que modo fabricá-la (FERREIRA e GUEDES, 2008).

Nas colônias por onde se estabeleciam, os colonos germânicos buscavam repetir padrões arquitetônicos utilizados nas suas regiões de origem, no entanto, sendo necessário substituir os materiais de construção dependendo do que a nova localidade oferecia. O arquiteto e urbanista Weimer, em seu livro “Arquitetura Popular da Imigração Alemã” (2005), conta que nos estados germânicos e em outras partes da Europa central as propriedades eram compostas de um pedaço de terra, onde havia a casa, uma pequena horta e um pomar, sendo esse espaço denominado de *Hof* (WEIMER, 2005). Era comum que junto à casa do colono houvesse a presença de benfeitorias ou ranchos que servissem para o estábulo, uma horta, um local destinado à criação de animais domésticos como as galinhas e uma pequena área destinada ao cultivo de flores (VIEIRA FILHO; WEISSHEIMER, 2011).

A autora Giralda Seyferth (1990) indica que não existiu no sul do Brasil um estilo arquitetônico alemão ou europeu, mas houve influências de elementos da cultura luso-brasileira nessas construções (NASS, 2010). De modo geral, nas colônias



catarinenses, o conhecimento proveniente dos luso-brasileiros utilizados pelos colonos não se restringia apenas às moradias, mas abrangia modos de viver que foram aproveitados no convívio cotidiano na colônia, como o uso de folhas de palmeiras para cobrir abrigos improvisados, ervas como remédios, uso dos cipós e fibras para amarrações e trançados, técnicas de caças, domesticação de animais e o cultivo de sementes (VIEIRA FILHO; WEISSHEIMER, 2011). Por isso, é importante salientar a contribuição das técnicas e saberes brasileiros fornecidos aos primeiros imigrantes, levando em consideração o início árduo pelo qual esses colonos passaram.

Considerações finais

As casas enxaimel construídas na Colônia Dona Francisca simbolizam um período de luta e de inúmeras dificuldades dos imigrantes no que diz respeito ao seu estabelecimento na colônia. Os imigrantes europeus se depararam com diversos problemas que colocaram suas vidas em perigo ou que dificultaram o assentamento na colônia, como más condições climáticas, problemas de saúde e de higienização, abrigos precários e ataques de animais selvagens. Nesse sentido, a construção das casas enxaimel, como citado anteriormente neste trabalho, representaram uma solução para os colonos em relação à uma moradia que proporcionasse maior conforto e segurança do que os abrigos provisórios construídos com materiais pouco consistentes, como folhas de palmeiras e materiais mais leves. Por outro lado, é possível pressupor que a técnica do enxaimel também tenha partido de uma escolha do colono germânico por conta de questões relacionadas à tradição, memória e identidade, ou, devido ao conhecimento e familiaridade que os colonos tinham em relação a essa técnica. Entretanto, é evidente que a abundância de madeira que havia na região influenciou na escolha dessa técnica.

As casas enxaimel na colônia ganharam adaptações com as condições do local, como novos materiais construtivos, novos cômodos e, por essas razões, novas funcionalidades. As casas enxaimel são construções que carregam trajetórias e traços da cultura germânica atrelados a essas estruturas. Como quer que seja, esse patrimônio arquitetônico carrega igualmente técnicas construtivas brasileiras de que lançaram mão os imigrantes, madeiras de árvores nativas e modos de viver aprendidos com os habitantes locais. Desse modo, essas habitações, que são parte significativa da cultura material de Joinville, representam esse episódio do início da cidade, marcada por muitos momentos de dificuldade dos colonos, mas que fizeram parte do desenvolvimento da



cidade com o passar das décadas e hoje fazem parte do conjunto de edificações protegidas pelo tombamento.

Data de Submissão: 14/02/2022

Data de Aceite: 22/10/2022

Referências

AVÉ-LALLEMANT, R. **Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)**. São Paulo: Ed. Itatiaia, 1980.

BOLDORINI, M. G.; MEIRA, R. B. O contar sobre a cidade: a biografia e as memórias que distinguem o lugar. **Revista Diálogos**, v.22, n.2, p. 140-159, 2018.

BUCAILLE, R.; PESEZ, Jean-Marie. "Cultura Material". In.: **Enciclopédia Einaudi**, v. 16, p. 11-47, 1989.

COSTA, R. P. A historiografia da abolição do tráfico negreiro no Brasil. In: **XVIII Encontro Regional ANPUH-MG**, 2012, Mariana. Dimensões do poder na história, 2012. p. 1-11.

CUNHA, M. C. Possibilidades do uso da cultura material nas aulas de história antiga: a arquitetura como lugar de memória. **História Unicap**, v. 4, n. 7, p. 60-74, 2017.

ELALI, G. A.; PINHEIRO, J. Q. Analisando a experiência do habitar: algumas estratégias metodológicas. In: ORNSTEIN, S. W.; VILLA, S. B. (Orgs.). **Qualidade Ambiental na habitação: avaliação pós-ocupação**. São Paulo: Oficina de Textos, 2013. p. 15-35.

FERREIRA, L. M. Empresários alemães no sul do Brasil: a trajetória da Kolonisations-Verein von 1849 in Hamburg (1846-1855). **História Econômica & História de Empresas**, v. 23, n. 1, p. 165-196, 2020.

FERREIRA, L. M. **Terra, trabalho e indústria na colônia de imigrantes Dona Francisca (Joinville), Santa Catarina, 1850-1920**. 2019. 325 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

FICKER, C. **História de Joinville: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca**. Joinville: Ed. Letradágua, 1965.

FICKER, C. Os primeiros dias de Joinville: alguns subsídios para a história da Colônia Dona Francisca. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, 1966. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=884634&pesq=sebastian%20weber&pagfis=2025>>. Acesso em: 4, abr. 2021.

FICKER, C. Transformação étnica e social do imigrante da língua alemã em SC. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, 1970. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=884634&Pesq=enxaimel&pagfis=3007>>. Acesso em: 4, abr. 2021.



FULGÊNCIO, R. F. O paradigma racista da política de imigração brasileira e os debates sobre a ‘Questão Chinesa’ nos primeiros anos da República. **Revista de Informação Legislativa**, v. 51, n. 202, p. 203–221, 2014.

GISLON, J. M. **A invenção da cidade germânica: tradição, memória e identidade na arquitetura contemporânea de Forquilha-SC**. 2013. 173 f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2013.

HERANÇA Alemã. **O Município**, Blumenau, 10, jun. 2019. Casas de memórias. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=891720&pesq=enxaimel&pagfis=99555>>. Acesso em: 05, ago. 2021.

INOCÊNCIO, Débora et al. Colonização Alemã em Santa Catarina. **Edição da Fundação Catarinense de Cultura**, Florianópolis, nov. 1981. Disponível em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/boidemam%C3%A3o/BOI1981006.pdf>> . Acesso em: 25, mai. 2021.

JOINVILLE (SC), Prefeitura. **Joinville Cidade em Dados 2010/2011**. Prefeitura Municipal, Fundação Instituto de Pesquisa e Planejamento para o Desenvolvimento Sustentável de Joinville (IPPUJ).

LUI, L. A casa e os objetos. **Revista Todavia**, ano 3, n. 5, 2012.

MILLER, D. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2013.

NASS, H. **Deutsche Schule: Um Projeto de Educação Étnica na Colônia Dona Francisca**. 2010. 57 f. Monografia (Ciências Sociais) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

ODEBRECHT, S. Histórico das construções em enxaimel. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, 1982. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=884634&Pesq=enxaimel&pagfis=7302>>. Acesso em: 26, jul. 2021.

PEREIRA, S. G.; GUEDES, S. P. **O confronto entre índios e colonos da colônia Dona Francisca (1851-1900)**. Joinville: Universidade da Região de Joinville, Univille. 1997.

PSCHIEDT, D. C. **Arquitetura Enxaimel: Um Olhar Sob A Perspectiva da Matemática**. Graduação (Trabalho de Conclusão de Curso) - Faculdade de Educação do Campo, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 65, 2020.

RODOWICZ-OSWIECIMSKY, T. **A colônia Dona Francisca no Sul do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC, FCC; Joinville: FCJ, 1992

SCHLINDWEIN, I. L. **Julie Engell-Günther: um novo olhar sobre a Colônia Dona Francisca**. 2011. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Patrimônio Cultural e Sociedade, Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação, Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2011.

VEIGA, M. B. **Arquitetura Neo-enzaimel em Santa Catarina: A Invenção de uma Tradição Estética**. 2013. 174 f. Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, São Paulo, 2013.

WEIMER, Günter. **Arquitetura Popular da Imigração Alemã**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005.

WEISSHEIMER, M. R.; VIEIRA FILHO, D. **Roteiros Nacionais de Imigração: Santa Catarina**. Vol. 1. Brasília: IPHAN, 2011.

WEISSHEIMER, M. R.; VIEIRA FILHO, D. **Roteiros Nacionais de Imigração: Santa Catarina**. Vol. 2. Brasília: IPHAN, 2011.

ZARANKIN, A. Arqueología de la Arquitectura: another brick in the wall. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Suplemento n. 3, p. 119-128, 1999.

